

*Tese de doutoramento em História da Arte, apresentada à Universidade Nova de Lisboa, 2019. Orientação da Doutora Catarina Fernandes Barreira e co-orientação da Doutora Maria Adelaide Miranda e do Doutor Fernando Villaseñor-Sebastián*

## **Arte, Reforma e Agência Feminina nos Conventos Dominicanos Portugueses: O Papel das Freiras na Produção e Mecenato de Manuscritos Iluminados (c. 1460-1560)**

**Paula Cardoso**

---



### **Edição electrónica**

URL: <https://journals.openedition.org/medievalista/3968>

DOI: 10.4000/medievalista.3968

ISSN: 1646-740X

### **Editora**

Instituto de Estudos Medievais - FCSH-UNL

### **Edição impressa**

Paginação: 363-373

### **Refêrencia eletrónica**

Paula Cardoso, «Arte, Reforma e Agência Feminina nos Conventos Dominicanos Portugueses: O Papel das Freiras na Produção e Mecenato de Manuscritos Iluminados (c. 1460-1560)», *Medievalista* [Online], 29 | 2021, posto online no dia 01 janeiro 2021, consultado o 11 junho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/medievalista/3968> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/medievalista.3968>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 11 junho 2021.



*Medievalista* está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

*Tese de doutoramento em História da Arte, apresentada à  
Universidade Nova de Lisboa, 2019. Orientação da Doutora Catarina  
Fernandes Barreira e co-orientação da Doutora Maria Adelaide  
Miranda e do Doutor Fernando Villaseñor-Sebastián*

# Arte, Reforma e Agência Feminina nos Conventos Dominicanos Portugueses: O Papel das Freiras na Produção e Mecenato de Manuscritos Iluminados (c. 1460-1560)

Paula Cardoso

---

- 1 Data recepção do artigo / Received for publication: 5 de Junho de 2020
- 2 O objectivo principal desta tese foi estudar o papel das freiras na produção e mecenato de manuscritos iluminados nos conventos dominicanos femininos portugueses, no período entre 1460 e 1560, fortemente marcado pela expansão dos movimentos observantes. Através da análise deste caso concreto pretendeu-se contribuir para o actual conhecimento acerca do envolvimento das freiras na produção e mecenato de obras de arte para os seus conventos. Apesar do seu crescente desenvolvimento no que concerne outras regiões da Europa como a Alemanha, a Península Itálica ou os reinos hispânicos, este campo de estudo continuava praticamente inexplorado no seu cenário português. Através do cruzamento entre a informação fornecida pelos códices produzidos e patrocinados pelas freiras e os contextos e agentes por detrás do desenvolvimento e história das comunidades dominicanas femininas portuguesas, tentou trazer-se à tona novas sugestões, não só em relação às dinâmicas de produção e aquisição de códices nestas comunidades, como também acerca de outros temas

intimamente ligados ao primeiro, tais como: a funcionalidade e usos do livro; a autonomia espiritual e temporal das freiras; o seu nível de literacia e, finalmente, as interligações entre a iluminação e a memória e devoção nestas comunidades.

- 3 Este estudo teve por base um *corpus* de 42 códices provenientes dos conventos dominicanos femininos portugueses, datados entre cerca de 1480 e 1560, e preservados na Biblioteca Nacional de Portugal, no Museu de Aveiro – Santa Joana, na Biblioteca Pública de Évora e na Biblioteca Pública de Montemor-o-Novo. De forma a contornar o reduzido número de fontes documentais sobreviventes e, ao mesmo tempo, fornecer uma análise contextualizada da realidade portuguesa, recorreu-se por vezes a exemplos de outras províncias dominicanas e outras ordens religiosas cuja produção artística foi também marcada pelo ambiente reformador dos movimentos observantes que marcaram o final da Idade Média. Dada a escassez de códices provenientes de conventos dominicanos masculinos em Portugal, e por forma a viabilizar a comparação entres os livros usados por ambos os géneros, foi realizado um estudo comparativo entre os programas decorativos de códices portugueses (de uso feminino) e códices italianos (de uso masculino).
- 4 **A reforma observante e a expansão dos conventos dominicanos femininos em Portugal: agentes e contextos**
- 5 Assente num discurso de crise de Cristandade, a reforma observante (c. 1390-1560) foi um fenómeno pan-europeu multifacetado conectado com as dinâmicas socioculturais dos vários locais onde se desenvolveu<sup>1</sup>. Contando com o suporte do Papado, dos monarcas e da nobreza, os movimentos observantes procuraram reformar a Igreja através da procura da verdadeira vida cristã, o que se traduziria, no caso do monaquismo e das ordens mendicantes, na recuperação da observância estrita das respectivas Regras e dos votos de pobreza e castidade e numa vivência mais rigorosa, nos casos femininos, do silêncio, da clausura, da penitência e da oração. A falta de um estudo crítico que avalie os factores socioeconómicos e políticos no desenvolvimento da observância em Portugal, aliada à ausência de estudos sobre as comunidades de Pregadores portuguesas, impede a compreensão aprofundada do desenvolvimento e do estudo das consequências da reforma observante entre os dominicanos portugueses. Contudo, sabe-se que a expansão dos conventos dominicanos femininos portugueses esteve estreitamente ligada com as políticas reformistas que levariam à incorporação das comunidades não regulares que se haviam multiplicado em território português na primeira metade do século XV<sup>2</sup>. Neste processo de regularização das comunidades não-monásticas ou beatérios, salientou-se não só o papel das políticas reformadoras da época, como também o papel da nobreza, nomeadamente no que respeita aos patronos dessas mesmas comunidades que, guiados pelos seus confesores dominicanos, conduziam à conversão destes beatérios em conventos da Ordem dos Pregadores<sup>3</sup>. Entre 1461 e 1560 foram fundadas em solo português dez comunidades femininas dominicanas, as quais se juntaram às três já existentes.
- 6 O papel activo das freiras nesta expansão não pode, contudo, ser ignorado, uma vez que coube às religiosas fundar e reformar os novos conventos à luz da observância dominicana. Estando os conventos do ramo feminino dos Pregadores sujeitos a clausura estrita (com excepção do caso das terceiras que aqui não se aborda) e, portando, impedidos de receber membros do sexo masculino nas suas comunidades, coube às religiosas o papel de reformar os novos membros que agora se juntavam à ordem<sup>4</sup>. Estas religiosas eram freiras seniores com cargos directivos nas suas comunidades de origem,

versadas nos estatutos, costumes e liturgia da ordem. Como comprovado por vários casos registados em conventos alemães e italianos, estas freiras estavam muitas vezes ligadas à cópia e iluminura de livros litúrgicos. Em Portugal este papel reformador caberia às freiras do Convento de Jesus de Aveiro, fundado como casa observante em 1461, a segunda comunidade feminina observante em Portugal, precedida apenas pelo Convento do Salvador fundado em Lisboa em 1399. O obituário do Convento de Jesus de Aveiro<sup>5</sup>; mostra como o processo de enviar freiras reformadoras se manteve durante todo o século XVI, evidenciando as dificuldades na implementação dos costumes observantes nas novas comunidades.

7 Este processo traduziu-se não só na transferência de ideais como também de outros instrumentos de disseminação e conformização com os modelos observantes, como sejam textos, objectos devocionais, práticas litúrgicas, etc. Isto resultaria numa rede de transmissão de tradições e empréstimos de livros para cópia entre casas observantes que, apesar da escassez de registos para o caso português, em oposição para o que conhecemos para a Alemanha, não deixou também de existir também entre as casas dominicanas femininas de finais da Idade Média. São disso exemplo a presença do peculiar ofício da Conceição da Virgem, *Exullet plebs fidelium* (único e contrário à tendência anti-imaculista da Ordem dos Pregadores) em livros litúrgicos dos Conventos de Jesus de Aveiro e Paraíso de Évora, ou o empréstimo da versão em português das “Constituições das Freiras” de Humberto de Romans que a priora da Saudação de Montemor-o-Novo terá feito à comunidade eborense do Convento do Paraíso, segundo o registo deixado nas memórias quinhentistas do mesmo cenóbio<sup>6</sup>.

#### 8 **Literacia, Cultura literária e Produção textual nos conventos Dominicanos femininos da Observância**

9 A crescente preocupação dos observantes em instruir as freiras acerca da história e estatutos da Ordem e também dos seus costumes litúrgicos contribuiu para o aumento da utilização de textos em vernáculo nas comunidades femininas reformadas<sup>7</sup>. O uso da escrita em vernáculo como propaganda dos ideais da reforma e como instrumento construtor de identidade levaria também ao aumento da redacção de crónicas e memórias das comunidades observantes. A crescente exposição à cultura literária em vernáculo, em conjunto com o encorajamento da cópia de livros litúrgicos nas novas comunidades observantes, parece ter sido um factor decisivo para o aumento do número de religiosas a trabalhar nos *scriptoria* durante o século XV. Adicionalmente, o já mencionado empréstimo de livros entre casas observantes era também um estímulo à participação das freiras na produção de cópias; estes livros eram muitas vezes transportados pelas freiras que se deslocavam às novas comunidades para levar a cabo a reforma.

10 Se, como se irá desenvolver mais adiante, em Portugal parecem ter existido apenas duas comunidades femininas empenhadas na produção própria de livros, entre os conventos quinhentistas alemães e italianos esta parece ter sido uma prática comum: na sua crónica acerca de reforma observante na Província de Teutónia<sup>8</sup>, o dominicano Johannes Meyer regista como em toda a Renânia as freiras dominicanas copiaram e iluminaram os seus próprios livros, o que é confirmado por outros registos provenientes dessas comunidades. Já no que concerne à Península Itálica, especialmente nas zonas norte e central, a cópia de livros por parte das religiosas dominicanas está também documentada<sup>9</sup>. Os registos existentes, nomeadamente nos relatos das cronistas, sugerem também que a formação das copistas e iluminadoras

estava a cargo das freiras reformadoras, as quais, em grande parte dos casos conhecidos, praticavam essas tarefas nas suas comunidades de origem.

- 11 No caso português, apenas os legados do Convento de Jesus de Aveiro e do Convento da Anunciada de Lisboa apresentam evidências para a existência de produção própria de livros. No primeiro caso, esta actividade está documentada desde 1463, dois anos após a fundação oficial da comunidade dominicana, data em que, segundo a cronista do convento, as filhas da fundadora Beatriz Leitão teriam começado a aprender escrita e iluminura com os frades do vizinho Convento da Misericórdia<sup>10</sup>. O ensino terá posteriormente sido estendido a outras freiras, sendo possível hoje em dia identificar quatro copistas no período compreendido entre 1463 e 1525<sup>11</sup>. Povoado por religiosas da mais alta estirpe, este cenóbio reflecte a cultura literária reformista da corte<sup>12</sup>, possuindo uma vasta livraria provida de volumes para a qual contribuíram a Rainha D. Leonor e a Princesa Joana, filha de D. Afonso V, que viveu numa morada adjacente ao mosteiro, partilhando a vida religiosa com as freiras, entre 1472 e 1490, data do seu falecimento. Os códices que sobreviveram até hoje são, na sua grande maioria, livros litúrgicos produzidos pelas religiosas entre 1480 e 1525. A uniformidade em termos de escrita e iluminura, em conjunto com os dados fornecidos pelos colofões (que apresentam as freiras Isabel Luís, Maria de Ataíde e Leonor de Menezes como copistas e no caso da primeira, iluminadoras), mostra o empenho e capacidade das freiras na produção de livros para a sua comunidade.
- 12 Ao contrário do caso de Aveiro, no Convento da Anunciada de Lisboa (f. 1518/19) - reformado e conduzido por freiras de Aveiro durante todo o século XVI -, não se verificou o mesmo esforço para produzir livros internamente. O empenho das duas primeiras priorosas na encomenda de livros para o coro sugere ter sido este o principal meio de fornecimento de livros para a comunidade durante as suas duas primeiras décadas de existência. De acordo com os colofões de alguns dos livros sobreviventes - que registam e louvam as priorosas como encomendantes -, as preladas confiaram a produção dos seus livros litúrgicos a capelães próximos da comunidade. Contudo, a sobrevivência de quatro livros de coro produzidos cerca de 1550 e assinados por uma freira que dá pelo nome de Soror Antónia, levanta a hipótese de, em meados do século, a comunidade ter beneficiado da produção própria de livros.
- 13 Estes códices são marcados pelas características singulares das suas iluminuras, cuja estética, caracterizada pela falta de domínio técnico e pela infantilização das figuras, se aproxima não só da iluminura produzida por Isabel Luís em Aveiro como também dos trabalhos contemporâneos de freiras iluminadoras em conventos alemães e italianos. O encorajamento para a participação das religiosas na produção de livros para o coro, aliado ao prestígio a que a actividade estava associada, terá contribuído para que mais religiosas se dedicassem à produção e iluminura de livros litúrgicos independentemente do seu talento ou formação artística, o que poderá estar na base desta estética comum. Contudo, olhando para o teor das cenas escolhidas para decorar estes códices pode perceber-se como elas diferem, não só dos programas decorativos apresentados pelos códices fruto de encomenda externa, como também das cenas apresentadas pelos códices de uso masculino: enquanto as primeiras fazem parte de um programa decorativo mais intimista, conectado com a identidade e, por vezes, com a memória das comunidades femininas, as segundas, de cariz mais ortodoxo, privilegiam as figuras centrais da história da Ordem e cenas bíblicas.

14 **Diferentes missões, diferentes mensagens? O papel activo das freiras na produção e mecenato artístico**

- 15 As diferenças no teor das imagens apresentadas em manuscritos iluminados em ambos os ramos masculino e feminino da Ordem dos Pregadores parecem ter-se estendido a outros domínios, como a decoração dos edifícios conventuais e as imagens devocionais. Embora pertencendo a uma mesma Ordem, os ramos masculino e feminino dos Pregadores estavam vocacionados para missões e vidas distintas: enquanto os frades tinham no apostolado e no estudo o centro da sua vida religiosa, as freiras estavam destinadas a uma vida de contemplação e obediência em clausura, onde a celebração do Ofício Divino tomava o papel central. Assim, embora o uso da imagem como elemento formador e inspirador tenha sido uma característica comum aos dois ramos dos Pregadores desde a sua fundação, as diferentes missões a que frades e freiras estavam votados parecem ter contribuído para o uso de temáticas distintas na iconografia de ambos os ramos. É disso exemplo o constante uso de arquétipos de santidade feminina entre as freiras, em conjunto com referências à condição da religiosa como esposa de Cristo, ou a frequente referência ao estudo, muitas vezes personificada em imagens de São Tomás de Aquino no caso masculino.
- 16 Assim sendo, especialmente no que concerne ao caso italiano, é possível encontrar vários registos documentais que comprovam o papel activo das freiras na definição dos programas decorativos dos seus conventos, quer através de intermediários (quando enclausuradas), quer através de negociações directas com os artistas<sup>13</sup>. No caso das dominicanas portuguesas, a escassez de documentação relativa aos séculos XV e XVI não permitiu um estudo aprofundado das dinâmicas de encomenda artística nestes cenóbios. Contudo, o fundo do Convento de Jesus de Aveiro preserva duas cartas que testemunham o papel das freiras aveirenses não só na encomenda de obras de arte para o seu convento, como na definição da temática das mesmas: em 1512 a priora Maria de Ataíde escreveu ao escrivão dos contos do Funchal a respeito de um retábulo e de um frontal de altar que havia encomendado na Flandres, pedindo para o último uma cena da virgem “formosa mas muito honesta quando saúda o anjo”<sup>14</sup>.
- 17 No caso dos manuscritos iluminados, a existência de registos que documentem as dinâmicas da sua produção é extremamente rara não só em Portugal como a nível europeu. Contudo, como introduzido no final do ponto anterior, quando analisados no contexto da história das comunidades a que pertenceram, é possível, em alguns casos, conectar os programas decorativos dos códices à memória e identidade dos cenóbios. Veja-se o caso dos livros litúrgicos iluminados por Isabel Luís no Convento de Jesus de Aveiro entre cerca de 1480 e 1488: embora, na sua estrutura geral, estes códices apresentem um programa decorativo de cariz funcional baseado na utilização de iniciais pintadas e filigranadas na abertura dos principais momentos litúrgicos – de acordo com o panorama geral da iluminura monástica portuguesa da época –, eles caracterizam-se também pela presença pontual de cenas narrativas em pé de página que parecem desviar-se do restante programa decorativo. As temáticas de algumas destas cenas, onde se destaca o ciclo da Dormição, Enterro e Assunção da Virgem na margem de pé da Festa da Assunção, e um Calvário ocupando  $\frac{3}{4}$  de página no final do ofício de Sexta-Feira Santa, estão intimamente ligadas à memória da comunidade. Seguindo o relato da cronista do convento, pode perceber-se como a Assunção da Virgem está presente em vários momentos da história do cenóbio, é ela a invocação da primeira imagem da Virgem, bem como da capela onde as fundadoras receberam os

seus hábitos e foram posteriormente sepultadas. Já a imagem de Cristo crucificado poderá estar conectada não só com o fervor cristocêntrico da época, mas também com a invocação do próprio convento - “de Jesus”. Note-se que o crucifixo transportado à cabeça da procissão que levou as freiras para a clausura no primeiro dia de encerramento no convento continua até aos dias de hoje no altar-mor da igreja de Jesus, e que a imagem presente no principal altar do coro das religiosas é também um Cristo crucificado.

- 18 Os códices iluminados por Soror Antónia para o Convento da Anunciada cerca de 1550 mostram, por sua vez, a preocupação da freira em endereçar o programa decorativo a uma comunidade de dominicanas observantes, estando os seus códices marcados pela presença de arquétipos de santidade feminina. Desde as santas da Ordem que iluminam o pé de página da Festa de Todos os Santos, passando pela recorrente representação da Virgem nas várias festas do ciclo mariano e terminando na representação das próprias freiras em actividades quotidianas da vida claustral, tais como a leitura e o Ofício Divino. Já os códices fruto de encomenda externa, por contraste, mostram um programa decorativo bastante mais contido, por vezes puramente ornamental, e onde a iluminura figurativa se limita à escassa presença de iniciais historiadas nas grandes festas da igreja.
- 19 Em suma, esta tese procurou entender, pela primeira vez, os manuscritos iluminados provenientes dos conventos dominicanos femininos portugueses através de uma perspectiva de género que trouxe à tona várias sugestões acerca do papel activo das freiras no uso e produção de arte. Apesar de sujeitas a um regime de estrita clausura, estas mulheres procuraram sempre satisfazer as necessidades das suas comunidades, quer assegurando a produção própria de livros iluminados para o Ofício, quer recorrendo ao uso de intermediários para realizar encomendas artísticas, contrariando a ideia de passividade a que muitas das vezes foram relegadas pela historiografia das Ordens Religiosas. O mesmo se passou no campo da literacia, com várias evidências a comprovarem a forte cultura literária que caracterizou as comunidades femininas observantes do final da Idade Média, e também a forma como esta parece ter tido um papel fulcral na formação da cultura conventual, nomeadamente a nível devocional, contribuindo, conseqüentemente, para o desenvolvimento de determinadas temáticas ao nível da arte monástica.

---

## NOTAS

1. A respeito deste assunto ver: MIXSON, James; ROEST, Bert (Eds.) – *A Companion to Observant Reform in the Late Middle Ages and Beyond*. Leiden; Boston: Brill, 2015.
2. Este assunto foi desenvolvido por João Luís Fontes, veja-se: FONTES, João Luís – “Em torno de uma experiência religiosa feminina: as mulheres da pobre vida de Évora”. *Lusitania sacra* 31 (2015), pp. 51-72.
3. Sobre este assunto ver: SOUSA, Frei Luís de – *Da história de São Domingos: particular do reino e conquistas de Portugal*. Vol. 3. Lisboa: Typ. do Panorama, 1866.

4. A propósito deste fenómeno a nível europeu veja-se: MUSCHIOL, Gisela – "Migrating Nuns – Migrating Liturgy: The Context of Reform in Female Convents of the Late Middle Ages". in *Liturgy in Migration: From the Upper Room to Cyberspace*. Ed. Teresa Berger. Collegeville: Liturgical Press, 2012, pp. 83-100.
  5. *Memoryal das Madres e irmãs que nesta casa de Nosso Senhor Jhesu Falecerom [1464-1624]*. In *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*. Ed. Domingos Maurício Gomes dos Santos, vol. II-II. Lisboa: Publicações Culturais, 1967, pp. 347-352.
  6. Évora, Biblioteca Pública de Évora, *Convento do Paraíso de Évora*, livro 1, fols. 91-105.
  7. JONES, Claire Taylor – *Ruling the Spirit, Women, Liturgy, and Dominican Reform in Late Medieval Germany*. Berlin, Boston: University of Pennsylvania Press, 2017, pp. 94-140. Veja-se também a obra: WINSTON-ALLEN, Anne – *Convent Chronicles: Women Writing about Women and Reform in the Late Middle Ages*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2005.
  8. MEYER, Johannes - *Buch der Reformacio Predigerorden*. Ed. Benedictus Maria Reichert, *Quellen und Forschungenzur Geschichte des Dominikaneordens in Deutschland 2/3*. Leipzig: O. Harrassowitz, 1908-1909, Buch V, p. 61.
  9. Como é o caso dos conventos de São Domingos de Pisa, San Jacopo de Ripoli, São Jorge de Lucca, São Domingos de Lucca e São Clemente de Prato.
  10. *Crónica da fundação do Mosteiro de Jesus de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana filha del Rei Dom Afonso V [1525]*. in *O Mosteiro de Jesus de Aveiro*, Ed. Domingos Maurício Gomes dos Santos, vol. II-II. Lisboa: Publicações Culturais, 1967, p. 194.
  11. Maria de Ataíde (1449-1525), Isabel Luís (1449-1542), Leonor de Menezes (d.1484) e Margarida Pinheira (b.1461).
  12. ROSA, Maria de Lurdes – *As almas herdeiras: fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de direito (Portugal 1400-1521)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012, p. 514.
  13. Vejam-se os casos italianos estudados por Ann Roberts e Anabel Thomas: ROBERTS, Ann – *Dominican Women and Renaissance Art: The Convent of San Domenico of Pisa*. London: Routledge, 2008; THOMAS, Anabel – *Art and Piety in the Female Religious Communities of Renaissance Italy: Iconography, Space and the Religious Woman's Perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
  14. Lisboa, ANTT, *Corpo Cronológico II*, Maço 6, doc. 138, n.º suc. 769; Lisboa, ANTT, *Corpo Cronológico II*, Maço 6, doc. 148, n.º suc. 779.
- 

## AUTOR

PAULA CARDOSO

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Instituto de Estudos Medievais. 1099-032 Lisboa, Portugal. paula.cardoso@campus.fcsh.unl.pt. <https://orcid.org/0000-0001-5502-3371>